

REVISTA DO ALFAMA

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES, DIRIGIDA POR JOSÉ DA SILVA VIEIRA

N.º 4

Vol. IV

4.º Anno

4.ª Serie

ESPOZENDE 15 DE JUNHO DE 1888

Folk-lore Alinhoto

MAXIMAS POPULARES

(Continuado do n.º 3 do 4.º anno)

Morreu...
quem?!

o *Beldroegas* d'além.

Sabe que nem canella.

Se cuidas que te engano,

agarra-me no cano.

Fazemos uma apostinha?,

a minha bocca cheia de carne

e a tua cheia de merdinha.

P.... e óvõns, é comer de senhoras.

Reluz como prata.

Quem?....

o *creca* d'além....

—resposta—

merda de gato sabe-te bem.

Quem tem burro e anda a pé,
ainda mais burro é.

Ditar dinheiro á rua.

Pelo S. Thiago, pinia o bago

Santa Luzia

é antes do natal treze dias.

Santa Luzia

tira da noite e põe no dia.

Tlim, tlim, tlim,

Tenho uma rebecca que me ganha o pão.

Importa-te? Importa!:

—então ferra os dentes na porta, e atira com
a cara á horta.

Com tolos nem p'r'o ceo.

Torre da Babilonia

quem lá bai nunca mais torna.

Fome canina.

Por bem fazer—mal haver.

Quem se assenta na pedra trez vezes arre-
nega.

Estou com'ó pina d'Airó.

Justiça de Prado, é justiça de pau.

A justiça de Barcellos te caia em casa.

Nentes, que arroz é agua.

Os da aldeia trazem um porrão de leite
para levar um d'azeite.

Minha mãe compra peras, compra cinco e
dá dez.

Onde vaes?—vou a casa do diabo mais ve-
lho.

Vens cômigo? . .

aonde?

Carregar um carro de merda a Villa do Conde.

Dous e dous?—quatro

a tua mãe pariu um macaco.

Conhecias o *biu-biu*.

quem é?

è a p. . . que o pariu.

Queres uma bucha?

tira do cú e pucha!

Queres um anel?

mette o dedo no cú!

Conhecel-o?

conheço!

mette-lhe o nariz no cêcego!

Tú-tú, è uma bozina.

Quatro e quatro?—oito

tua mãe pariu um biscoito.

Quem diz o que quer

ouve o que não quer.

Pela manhã *ouro*,

ao jantar prata

e a noite mata? (1)

Ou è fome, ou somno,

ou manha do dono. (2)

Não tem casa nem pousada.

Não tem onde caia morto.

Não se afflija, que logo mijá.

Não se afflija, que o que tiver de ser seu

à mão lhe virá parar.

Não se afflija, que o que for seu da mão

lh'ó tirarão.

Quem foi ao vento,

perdeu o assento.

tú metê-me o nariz no cú.

resposta

mete-lh'o tú que és cara de cú.

Maria do Bahú

tem carrapatos no cú.

Nunca o envejoso medrou

nem quem ao pé d'elle morou. (3)

Morra Martha, mas morra farta. (4)

Quem quer a *vellota* atrepa.

E' melhor que fazer meia.

Móe que nem um moinho. (5)

Fino como um gaio.

Anda como um *peão*.

A' terça feira nem cazes a filha nem urdas a teia.

Com peras

vinho bebas,

e tanto vinho

que nadem as peras.

Mais vale só

que mal acompanhado.

Palavriados não adubam sopas.

Perfeito como uma roza.

Auga-pé—faz a gente andar a pé.

Auga-d'unto—faz um homem defunto.

Caldo de feijões, faz os homem andar aos tranbolhões.

Caldo aserventado, faz os homens escangalhados.

Caldos sem pão, nem no inferno se dão.

Foi ao hotel do *G. P.*

entra-se c'ó já se sabe

e sac-se c'ó já se vê.

A mulher enganchada na colher.

Cazai, cazai, que Deus dá pão, se não dér pão dà pau.

Quem dá antes que morra,

merece com uma caxaporra.

Rolo è comer de tolo.

Duas luzes a arder

(1) Isto diz-se quando se come uma laranja à ceia, porque esta fructa á noute è prejudicial ao estomago.

(2) Isto è muito popular dizer-se quando se abre a bocca, assim como è costume a pessoa que abre a bocca fazer com a mão direita muitas cruces em frente da bocca, isto até ella se fechar.

(3) Diz-se quando se conhece que alguém tem enveja das merces que Deus faz aos outros.

(4) Diz-se quando se come muito.

(5) Dizem quando os rapazes comem muito.

botam uma casa a perder.
 Que horas são?
 Está o ponteiro entre as duas.
 (resposta)
 e as minhas pernas entre as tuas.
 O' meu Deus, meu tudo
 até pelas pernas sois cabelludo.
 E depois? Bacas não são bois.
 O' xita-ó-xita,
 bacalhau, sardinha frita.
 Daz-me um beijo?
 —não tenho cù para tamanho desejo.
 Não ha flôr com'a do repolho
 que murcha do pé e arrebita do olho.
 Maria. . .
 o teu melro canta ou assobia?..
 Já disse
 quem não ouviu, ouviu.
 Um e um dois
 anda o carro adiante dos bois.
 Vire de rosca
 por causa da mosca.
 Espera Adão
 até que venha o verão.
 Diga, diga
 de que banda lhe dôe a barriga?
 Das-me um abraço?
 —n'um chega a corda p'r'ó laço.
 Se es corvos lhe comessem os olhos não
 via nada.
 Puche por uma cadeira
 e sente-se no chão.

(Barcellos)

J. da SILVA VIEIRA.

FORMULAS POPULARES

(Continuado do n.º 1 da 4.ª serie)

«Para dôr ciáttega

As pessoas da SS.Trindade,são trez;
 Ellas querem e podem.
 D'onde o mal veio, para lá torne.

Senhora da Conceição,
 Ponde aqui a vossa mão,
 Sr. São José, ponde aqui o vosso pè.
 São Luiz, ponde aqui o vosso nariz,
 Para que lhe preste quanto fiz.
 Jezus, filho de Maria
 Soccorrei-nos n'este dia.
 Paz téco, alleluia.

*

Remedio para 'a tropezia

Toma-se trez dias em jejum,
 meio quartilho d'agua do rio Jordão—outros trez dias, a mesma porção d'agua da Samaritana—e outros trez, agua de mil fontes. No fim dos nove dias, pega-se n'um aipo, trez cabeças de arruda, trez pés de trovisco macho, e meio quartilho de vinagre forte:

Piza-se tudo muito bem pizado e põe-se na barriga do enfermo, dizendo:

Oh, Santa Virgem Maria,
 Tira d'este corpo a tropezia.
 Milagroso S. Braz,
 Arreda este mal para traz.
 Milagroso São Facundo,
 Leva este mal para o outro mundo,
 Que não toque em mais ninguem.
 Paz téco, alleluia. Amen.

*

Para curar a nurisma

(Deita-se o doente em uma esteira nova com a barriga para baixo, põe-se-lhe nas cruces uma tijella com agua benta e uma cruz, dizendo:

Em nome de Deus; amen.
 Em louvor de S. Paulo bemaventurado,

De São Pedro, discipulo amado.
 De São frei Pedro Dias, *libaral*,
Prumeiro que em Roma fez *espital*,
 Para grandes e meninos,
 Pobres, cegos, *pelíngrios*.
 Deus lhe disse—Pedirás,
 E de mim receberás.
 —Quero a *nurisma* curar.
 Vae ao mundo por trez dias,
 E diz—Manda São frei Pedro Dias
 Que te vás, *nurisma*, embora
 Com *corenta* Aves-Marias.
Jazuz paços; Jazuz moriotos;
Jazuz conçomatos; Jazuz enterratos.
 Livrae esta creatura
 Da *nurisma* e mais tristura
Jazuz, filho de Maria,
 Paz teco aleluia.»

(Continúa)

J. S. Vieira.

Advinhas populares

(Continuado do n.º 1 do 3.º anno)

XX

Os homens me dão governo,
 Eu aos homens governo dou,
 Se os homens de mim se esquecem,
 meu governo acabou.
 —Um relógio—

XXI

Sou casado, sou honrado,
 Vivo bem desenganado;
 Minha casanão tem telha,
 Quando entro vou d'esguelha.
 —Um botão—

XXII

Que é, que é:
 Uma senhora delicada,
 Nunca sai à rua
 Sempre está molhada.
 —A lingua—

XXIII

Uma senhora delicada,
 Delicada no comer,
 Mastiga e deita fora,
 Engulir não pode ser.
 —Uma thesoura—

XXIV

Abe sou, pena não tenho,
 Coitada de mim sou pobre,
 N'uma arvore me sustento.
 —Uma ablam—

XXV

Uma velha muito encurricadinha,
 Que no cú tem uma estaquinha,
 Passa, asno que eu bem claro te fallo.
 —Uma uva passa—

XXVI

O que é, que é:
 que cabe debaixo d'uma rasa,
 e é do tamanho d'uma casa?
 —Uma corda—

XXVII

Que é, que é:
 que tem um deate,
 que chama por toda a gente?
 —Um sino—

(Espozende)

(Continúa)

J. S. Vieira.